

Faces paradoxais da rede

Ana Raddi Uchôa

A rede mundial de computadores é aqui mostrada com potencial tanto para favorecer uma melhor tessitura homem x outros homens x mundo “concreto” quanto para alimentar um afrouxamento destas relações.

A possibilidade de acesso generalizado à Internet¹ convida a considerações sobre as formas de repercussão do uso deste tipo de rede na vida do homem comum²: como tal estrutura — a princípio um segredo militar, depois posta a serviço de uma comunidade restrita; a científica — viria se alojar nesse cotidiano, com que função? Enquanto expressão metonímica dos avanços gerais da informática, *que tipo de transformações viria a catalisar nas indissociáveis relações do homem consigo mesmo e com o “mundo”?* Se vários poderão ser os destinos destas transformações — segundo os grupos específicos, ou mesmo os indivíduos — isto não nos impede de aí triar tendências funcionais bastante genéricas, dentre as quais destacamos duas,

mesmo que paradoxais: a primeira, a de *fornecer ao homem elementos para uma ampliação de si e melhor ancoragem no cotidiano* (munindo-o, para além das distâncias, de instrumento de acesso a outros homens e à informação); e uma outra — convivendo lado a lado com a primeira — a de *facilitar uma chivagem com este mesmo cotidiano, distanciamento de si e do outro*. Se neste recorte vai maniqueísmo, é mais como recurso para, na dilatação dos efeitos, chegarmos a explicitar contornos, do que com intenção de restringir os movimentos em andamento a estas duas possibilidades-limite.

Ana Raddi Uchôa é psicanalista, mestre em Psicologia pela USP e em Psicanálise (D.E.A.) pela Universidade Paris VII.

No entanto, é certo que se impõe ao homem como tarefa — independentemente do movimento de elaboração em curso — metabolizar o fato de dispormos de uma miríade de informações, de livre trânsito por realidades virtuais apelativas, bem como da possibilidade de inserção em contactos e agrupamentos múltiplos. Quanto aos destinos desta elaboração, parece mais atrelarem-se à maior ou menor facilidade de cada um para, neste contexto, simbolizar/ressignificar-se a partir de lastro próprio, do que exclusivamente a características da Rede.

Folheando a *Internet Yellow Pages*³ - lista comentada, por assunto, daquilo que é oferecido pela Rede - são encontrados fragmentos descompromissados que, por se inscreverem no registro do chiste, podem, quando examinados, apontar para sentidos das referidas transformações. De fato, foi no contexto deste material, tomado como emergente de uma “cultura da informática”, que as duas tendências acima indicadas se nos delinearam. Dado ser a primeira a mais alardeada, é a segunda aqui melhor explorada.

Duas tendências plausíveis

Mesmo deixando de lado todo o âmbito das contribuições à pesquisa científica (onde a Internet se desenvolveu e é reconhecida como importante instrumento de acesso a informações, viabilizando o desenvolvimento de projetos conjuntos), muito ainda resta do potencial da Rede para alinhar homem e cotidiano. Ela torna disponíveis a cada um informações e atividades, naquilo que o instigue, seja trabalho, *hobby* ou mera curiosidade: o agricultor que pode, via Rede, se informar sobre sementes, condições de terra e clima; o professor que pode ter assim acesso a planos de aula e a informações pedagógicas; parceiros temáticos, podendo reunir-se em fóruns de discussão; guerrilhei-

ros, tendo ao alcance das mãos a alquimia de bombas caseiras; livre acesso a bibliotecas virtuais, além da possibilidade de discussões interativas com alguns autores; participação em simpósios, conferências, e reuniões virtuais; inserção em grupos de jogos; informações sobre

a questão (já por muitos apontada) em como se fazer uso de tanta informação: a que estratégias recorrer para se selecionar, dentro das quase infinitas possibilidades, o que remeteria o homem a si mesmo e aos outros (sob pena de, tal como Alice — bastante citada na Rede —

A quais estratégias recorrer para selecionar, em suas quase infinitas possibilidades, o que remeteria o homem a si mesmo e aos outros?

como cuidar de cão ou gado, plantação ou vaso; como aprender a dançar, a fazer ponto cruz ou a voar de asa delta; como adquirir um avião em sociedade, ou fazer uma obra de arte coletiva, onde cada um crie um pouco dela; oportunidades de emprego; condições de ventos para os que navegam, de avalanches para os que esquiam, além de medidas sismológicas para os que vivem sobre falhas tectônicas; mediante pedido, socorro imediato por grupos especializados; discussões sobre filhos, arqueologia e astronomia; como congelar alimento (mas também a si mesmo, para a vida eterna!); discussões sobre ética e estética; participação em clube de poetas; envio de mensagens criptografadas; planejamento de viagens terrestres (mas também ... interplanetárias); grupos de interesse vários; comunicação, em tempo real e em mundo aplainado, indiferentemente com o vizinho, ou com o croata em meio a fogo sérvio; etc., etc., etc. Tudo isto vindo como que em tessitura ao cotidiano, residindo

cair-se no vácuo do ciberespaço, por entre infinitas prateleiras, todas etiquetadas, e ... o pior, passando indefinidamente de uma a outra, sem delas poder fazer uso)? Uma frase, retirada do texto da *Internet Yellow Pages*, mostra — a propósito do mundo da informática, e em particular, do mundo da Internet — uma certa percepção daquilo que aqui se quer apontar: nela é feita referência a um mundo onde “um-só-tamanho-veste-todos-se-você-souber-o-que-é-bom-para-você”⁴. Assim, a questão da eficiência da Rede é deslocada da miríade de informações e das facilidades por ela oferecidas para a questão da seleção de informações, o que envolveria não só mecanismos pesquisadores, mas também um saber sobre o que faz sentido para si — saber, aliás, pouco evidente!

Por outro lado, nos anos 60 a Internet (ou melhor, a sua antepassada, a Arpanet) foi criada, em plena Guerra Fria, para possibilitar a comunicação entre os núcleos de população americana remanescentes

tes de um eventual holocausto nuclear. Tendo sido “dimensionada, desde o início, para operar mesmo que em fragalhos”, ela pode assim funcionar em contexto esfacelado, em cotidiano fraturado. Desta forma, não traria ela latente — e em ressonância com esta sua origem — a potencialidade para ser tomada (possuída) por um funcionamento humano descolado do cotidiano e “do real” de si mesmo? Dimensionada para funcionar em estado pulverizado, não ofereceria ela escudo à percepção do fragmentário (já que este, premissa à arquitetura da Rede, pouco forçaria tematização, podendo mesmo tender a ficar camuflado sob a fachada do “global”)?

Estas duas tendências em relação ao “cotidiano” — a de uma melhor tessitura e a de uma ruptura — parecem cabíveis, já que a própria prática da palavra (o que viabiliza a Rede) reproduz, ela mesma, em suas vertentes elo/escudo, essas duas dimensões. Se é fato, por exemplo, que a preconizada morte da palavra escrita não se deu, sendo, via Rede, cada vez mais convocada à comunicação, caberia também perguntar em que condições seu uso bascularia para a função oposta, já que, em sua possibilidade de funcionar desencarnada de sentido — autônoma, coisificada — a palavra guardaria também potencial para um distanciamento do “concreto”, do “real” de si e do outro.

Explorando a segunda das tendências

No texto *Internet Yellow Pages*, são encontrados alguns movimentos-indício que poderiam sinalizar descolamento do “concreto” em geral (e do “real” de si mesmo):

- Uma certa nostalgia de outras dimensões da vida além-tela: testemunho de deserção do “concreto” (incluindo aí o “real” de si mesmo)?

Como nos antigos filmes de ficção científica sobre o espaço,

onde quer que a nave pouse, em um recanto de verde reconhecido, lembranças da velha Terra são ativadas. Perdidos no Ciberespaço, como que órfãos de chão, dedicam-se à tônica nostálgica:

“Em Qualquer Lugar no Centro da Cidade

Localizado no ciberespaço central, o *Downtown Anywhere* é um lugar ótimo para se passear com os olhos, aprender, compartilhar e barganhar. Esta cidade virtual oferece muitas das amenidades de uma cidade real, incluindo livrarias, quiosques de jornal, museus, lojas de vídeo e de computadores, galerias de arte, um correio, e uma loja de *souvenirs*. Visite o bairro financeiro, ou apareça no ginásio de esportes, para ver quem está jogando...”⁵.

Ou:

“Callahan’s Bar

Uma casa longe de casa: encontre os donos regulares do Callahan’s Bar, um bar virtual para pessoas reais. Amigos, companheirismo, boa vontade e maus trocadilhos”⁶.

Ou ainda, a possibilidade de freqüentar, nos inúmeros *markets*, o antigo mercado, quase medieval, lugar de encontros e trocas ...

Aqui, o atraente mesmo é o comum do dia-a-dia, mas guardando um certo ranço de luto pelo “real”, o que, nas produções de realidade virtual, chega mesmo às raias do melancólico. E... a realidade virtual, não teria ela mesma um quê de materialização melancólica, de perda de mundo em tela concretizado? Se o processo de luto, de que toda criação traz registro, dá-se na fluidez dos deslocamentos desinvestimento-reinvestimento, a materialização melancólica — da qual a realidade virtual, na tentativa de reproduzir, ponto a ponto, o “real”, talvez seja uma expressão — não corresponderia a um congelamento do processo de ressignificações sucessivas? Isto, tal como num conto de Borges⁷, onde, para que ganhe “precisão”, um mapa é sucessivamente aumentado, até que che-

gue a corresponder ponto a ponto ao território real: aí, perde potencial para significar, perde “realidade” enquanto criação. De fato, é possível que a obra, fundida em luto, permita que nela se circule com a mesma mobilidade dos deslocamentos pelos quais ela se constituiu, enquanto a obra — fruto limite

É possível que a obra, fruto-limite da materialização melancólica, não ofereça brechas para quem com ela interagir.

da materialização melancólica - não ofereça a quem com ela interage brechas à criação: obra fechada, em concreto (aqui, “cimento”) confinada. Se o cinema, sabendo-se uma representação, pode por vezes nesta despreensão conseguir consistência de “real”, a realidade virtual, oferecendo-se como alternativa ao “concreto”, talvez possa perder, assim, “realidade (de significação)”. De fato, a densidade de “real (de significação)”, daquilo que é criação humana, parece ser paradoxalmente dada pela defasagem entre obra e “concreto”, interstício a ser investido por quem com a obra interaja, *locus* mesmo do processo de significação. Será que forçar uma coincidência criação/“mundo concreto”, curto-circuitando tal brecha, não dificultaria à obra alojar significação,

fadando-a, assim, a um certo tipo de “irrealidade”? Num mergulho *cego* no virtual, tomado como substituto do “real”, talvez só reste realidade à sensação de cerceamento, obrigatoriedade de submissão a essa pseudo-realidade.

É bem verdade que alguém se pode embrenhar por bares e cidades

de realidade virtual). Se aqui há um “quase se imaginar”, assegurando uma distância entre o que está na tela e o “real”, há também uma nuance de pretensão a substituto do “concreto”, aqui inocente, mas que habita a Rede de maneiras mais ostensivas. Sabe-se que tal substituição, se levada a cabo, não seria inócua...

ressante materialização desta discrepância. Aí, em textos sobre a Rede, chama-nos a atenção que o universo da informática — mundo de rótulos, de tudo medido, etiquetado, classificado (como requer o espaço cibernético) — se rompa na escrita¹⁰, onde as classes conturbadas aparecem num discurso de “realidade” classificatória transgredida. Não que tal obediência a classes seja obrigatória. Há contextos onde o jogar com o diverso é manancial de efeitos (vide Borges, citado por Foucault¹¹); mas aqui, em território de organização extrema, tal extravio da tônica geral chama a atenção, principalmente por não parecer um recurso intencional: é como se a desorganização e a fragmentação não-admitidas irrompessem em falhas do discurso, provocando um certo atordoamento: desparâmetro no nível do “concreto” da fala.

É assim que, na impossibilidade de se classificar, faz-se uso indiscriminado de “a coisa” (*stuff*), ou usa-se “e” para conjuntos não-disjuntos ou ainda, estabelece-se uma seqüência de elementos de naturezas diversas, como no seguinte exemplo:

“... propaganda, (...) fabricação de velas, crochê, fibra, renda, papel, acolchoamento, costura, pedra, e muito mais...”¹²/ “...para artes, artistas, e outros tópicos relacionados a humanidades...”/ “...este *local web* apresenta arte, informações sobre projetos em andamento, e outros itens de interesse...”/ “... Austrália, Colômbia, Canadá, França, Reino Unido, Havaí, Arizona, Califórnia, e muitos outros...” (É bem verdade que, quando se descreve a Rede, tende-se a ser esfacelado: movimento ressonante com a índole fragmentária dela e testemunho mesmo desta sua natureza; o que se quer aqui apontar não é apenas o aspecto fragmentário, mas o fato de que este possa passar despercebido, camuflado pelo “global”).

É como se a desorganização e a fragmentação não-admitidas irrompessem em falhas do discurso, provocando um certo atordoamento.

virtuais, de formas diversas: enquanto prisioneiro do virtual-desertor do “real” (como quem em tais lugares nunca transitou ou, se já esteve, não-mais pode por ali circular), ou como quem aí reconhece traços destacados do “concreto” e, até mesmo, vias abertas ao chão de si mesmo. Algo dessas duas formas é encontrado num trecho sobre os planetas:

“Se você nunca teve a oportunidade de visitar outros planetas, não precisa se sentir perdendo alguma coisa. Consulte esta colorida mostra de “instantâneos” planetários. Se você movimentar sua cadeira, rapidamente, enquanto olha para eles, poderá quase se imaginar voando pelo espaço.”⁸

Que esforço para se fazer crer, enquanto realidade! (É verdade que, neste caso, não se trata ainda

Fratura entre o que se passa na tela e o “real” de si mesmo

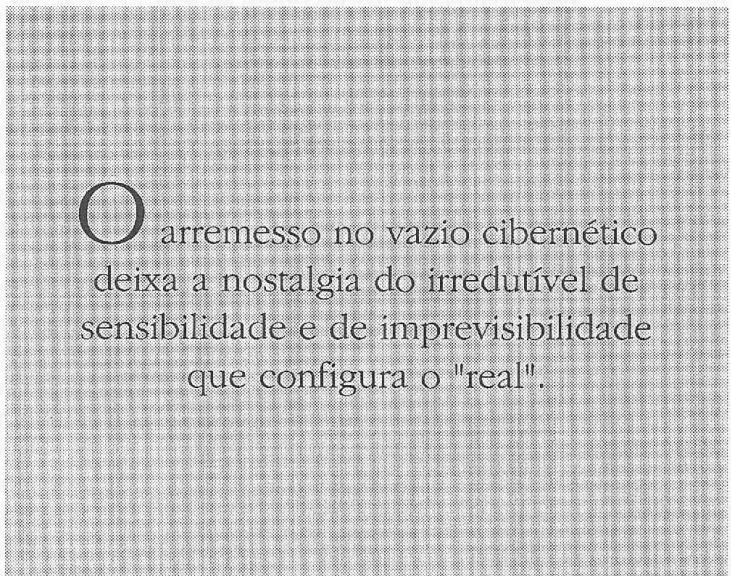
De fato, pesquisas mostram seqüelas deixadas pelo uso exclusivo da informática⁹: a criança que sabe se deslocar pela tela, fazendo para isto previsões precisas de seus movimentos, mas que não pode avaliar, mesmo que aproximadamente, a ordem de grandeza do número de passos a dar (se 50 ou 100), para atravessar a conhecida sala onde passa dias inteiros ao computador. É como poder traçar percursos em mapas mas, em rua aberta, deixar-se desorientar no primeiro cruzamento. A tela, porta para o virtual, vem assim instaurar uma discrepância entre operações abstratas e um fazer. Se o discurso for tomado como uma modalidade de “fazer”, tem-se, nas *Internet Yellow Pages*, uma inte-

Mas a primeira das tendências persiste

De fato, à medida que — para se construir a realidade virtual — são destacadas aqui e ali peculiaridades do “mundo real”, pode-se assim abrir retroativamente vias de acesso a este mesmo mundo. Por exemplo, quando se fala em quiosques, livrarias, bares, teatros e cafés virtuais (do que neles há, ou nos prazeres da leitura, da música, dos encontros, etc.) não se está, desta forma, oferecendo pontos referenciais a uma apreensão retroativa de mundo? De fato, se sinalizados, elementos do “real” ganham alguma chance de significação (isto na dependência do potencial de quem usa a Rede, para a atribuição de sentido a partir de contatos prévios significativos com este mesmo “real”). Além disto, aquilo que se passa ao redor pode adquirir valor, já que exaltado, em contraste com o virtual: “visite este local da Rede que tem tudo como no real”. Até o ser humano “autêntico”, incessantemente imitado, pode ganhar valor neste momento.

Ao prognóstico de fechamento da realidade virtual sobre si mesma (no estilo: “Uma mulher que esteja cansada dos polinômios de Tchebyshev está cansada da vida”¹³) abre-se, então, um outro a explorar: o de abertura do homem à ampliação de si. Este último destino, mais exigente que o de fechamento, não diz respeito exclusivamente à características da Rede, mas remete a condições de cada um para se abrir a sucessivas ressignificações (diga-se de passagem, condição para que se aproveite não só da Rede, como de outras situações do cotidiano). Olhar para si, para as coisas, para o outro, e até mesmo enriquecer a *posteriori*

o contato sensorial, são possibilidades que podem andar *pari passu* com a Rede. De fato, “o real” não tem como perspectiva única, diante do virtual, a de se eclipsar enquanto interesse: os humanos têm este lado (quando podem com ele entrar em contato) de apreciar coisas a serem vistas, ouvidas, manipuladas e cheiradas — com as quais interagir com prazer. Além do que, se há trabalhos — tais como os de Lígia Clark e os de Oiticica — que despertam esta sensibilidade, seria retrocesso, caso o uso da Rede fosse acompanhado do entorpecimento de outros sentidos



(que não os da visão, da audição ou o do tato ... induzido): arremesso no vazio do espaço cibernético, deixando nostalgia do irreduzível de sensibilidade e de imprevisibilidade que talvez configure o “real”.

Assim, realidade virtual, porém, mantendo-se enquanto referente o “real de si mesmo” (no sentido de uma história, um conjunto de significações, um cotidiano). Convoca-se aqui, enquanto metáfora, um documentário sobre a criação de um personagem virtual. Tratava-se de um ator virtual — uma “animação” — que podia responder a perguntas originais e, o mais interessante, estampar no rosto expres-

sões; o bastidor mostrado: eletrodos fixados a um rosto humano transmitiam tais expressões à face da criatura. Metáfora esdrúxula (concreta demais, mas ainda metáfora) de uma realidade virtual, lastreada em referente humano: toda outra forma de se conceber o virtual seria ilusória. Desta maneira, instalado no seu referencial próprio, desde onde significar (ressignificando-se), o usuário ganharia imunidade quanto ao lado da Rede com potencial para insuflar consumo e aplainar o que é singular. Isto porque, no que diz respeito à singularidade, o discurso que permeia a Rede (a partir do texto analisado) é traiçoeiro: na aparente proposta de preservar e alimentar aquilo que é próprio a cada um, deixa confusão entre singular e privado. Por exemplo, o realizar, em caráter privado, as experiências oferecidas por um museu (vide exemplo sobre o Exploratorium, no quinto extrato da Rede, citado abaixo) não garante de modo algum o singular: pelo contrário, tem-se, na reprodução ao infinito da condição “privada”, uma formidável forma (fôrma) de acachapamento do que possa ser insigne particular: ignorando-se fazer exatamente o que todos fazem, tem-se, nesta ação privada, a anestésica ilusão do personalizado.

Abrindo mão do fascínio

Esta possibilidade de se usufruir do potencial da Rede para favorecer uma tessitura mais cerrada com o real (cotidiano, história, conjunto de significações singulares) parece no entanto só se viabilizar caso se abra mão de duas características do espaço cibernético, de um fascínio aprisionante:

- O apelo insistente ao “todos”, “ao global”: anestésico ao fragmentário e obturador do singular:

“Ensinando Inglês como Segunda Língua

Imagine a emoção de ensinar as pessoas a falar Inglês, que toda palavra que você disser será imitada, e que por todo o globo existirão pessoas que falam exatamente como você...”¹⁴

Ou: “Nós, provavelmente, não deveríamos estar lhe contando isto, mas você pode obter *todos os tipos* de informação sobre *todos os tipos* de coisas que *todos os tipos* de pessoas não querem que você saiba.”¹⁵

Ou ainda: “Uma iniciativa educacional em rede do programa “Canadá: Ciência e Indústria”. Oferece informações educacionais, áreas de discussão, e ferramentas de aprendizagem. É possível que todas as escolas do Canadá venham a se ligar à Schoolnet.”¹⁶ (Aqui apenas apontamos a importância dada ao “todas”).

Também: “Que sensação de poder dá brandir a sua poderosa soldadeira, sabendo que você

pode fixar qualquer coisa. Compartilhe a excitação de ligar o mundo com outros entusiastas da eletrônica ...”¹⁷

Assim, tendência à perda de nuance particular que possa desembocar em significação, o chão próprio de que falávamos. Globalidade — movimento de soldagem a qualquer preço — que, se funciona como anestésico ao fragmentário (não admitido), pode deixar a porta dos fundos desguarnecida a Bósnias de singularidades, forçando entrada — aí, também a qualquer preço.

- Uma realidade mediada: poder exercer controle sobre o que, e principalmente, sobre quem se tem à frente (de fato, no limite, basta que se desligue o computador).

A realidade em geral, e especificamente, o outro humano, aparecem, ao mesmo tempo, como coisa

museu interativo poderia ser justamente a surpresa):

“Na próxima vez que você estiver em São Francisco, tenha certeza de visitar o Exploratorium, o maior museu de ciências do tipo interativo do mundo. Lá existem centenas de coisas para fazer, e “zilhões” de botões para pressionar. Antes de ir, obtenha o prospecto, conectando-se às facilidades da Internet para o Exploratorium. Se você tem um visualizador gráfico *web* (como o Mosaic) ou um cliente gráfico *gopher*, pode exibir todo o tipo de figura interessante, numa prévia do que encontrará no museu real. Você pode até tentar realizar experimentos, na privacidade do seu próprio computador particular”.¹⁸

Desta forma, o fator surpresa pode ser controlado, o estrangeiro imobilizado...: se é fato que dirigir um avião virtual o prepara piloto, sem que você corra riscos, é verdade também que um voar *sempre* exercido desta forma guardaria algo de perverso — o risco totalmente suspenso descaracterizaria o voo. Também o tempo, uma das dimensões que mais escapam ao controle humano, encontra-se assim sitiado, na ilusão do eternamente disponível, ou de que possa ser curto-circuitado na abreviação dos processos.

A realidade virtual pode aparecer, então, atenuando o impacto do estranhamento que o contacto com toda realidade desencadeia, e principalmente, aquele desconcerto do desconhecimento de si, mobilizado por um outro humano. Humano mostrado no texto das *Yellow Pages* como querido, mas temido; instigante, porém perturbador, a ser mantido à distância, tanto em sua possibilidade de dar prazer quanto na de contaminar e atacar.

Assim é que “é excitante ter alguém ligada a altas horas da noite, sozinha, na Rede” (relação mediada, não causando problemas), enquanto, o contacto humano direto aparece suscitando contaminação-perseguição:

O humano é mostrado nas *Yellow Pages* como querido, mas temido; instigante, porém perturbador; a ser mantido à distância, porque pode produzir prazer, mas também contaminar e atacar.

excitante, porque insistentemente mencionados, e como elementos conturbadores a comparecer só se sob controle.

Assim, a visita a um museu interativo é propalada como interessante, mas... aconselha-se uma visita prévia, até mesmo com realização dos experimentos de antemão, o que evitaria angustiantes imprevistos (quando o interessante deste

“Hoje em dia, você deve prestar atenção a com quem se mistura. Jogar gamão pessoalmente apresenta potencialmente todo tipo de problema. Por exemplo, alguém pode espirrar e você pegar pneumonia, ou o seu oponente pode ficar colérico e golpeá-lo com um picador de gelo”.¹⁹

Entretanto, esta mitigação do perigo tem preço: o humano, mediado ou substituído, passível assim de controle no seu fator imponderável, poderia perder algo enquanto humano. Se as máquinas assumem fala desativada do potencial perturbador do humano, é possível que na mesma medida tenhamos aí desmobilizado o potencial construtor da intersubjetividade. À margem do humano-presença, será que certas atividades se desenrolariam? Deste ponto de vista, encontros, universidade ou mesmo “confissão” virtuais seriam coisa de mesma ordem. Se um dos motivos que move um crenete à confissão é a presença de um outro, o patético “confessionário virtual” (uma brincadeira, onde os “pecados” são clicados e, no final, tem-se computada a penitência correspondente) talvez não funcione bem... Mesmo que houvesse um outro conectado, em rede, isto seria satisfatório? E, nos encontros virtuais em geral, será que existiria um irreduzível de presença humana demandada? Da mesma maneira, se a formação acontece também nos grupos informais, no que se configura no campus, etc..., e não exclusivamente, via currículos *stricto sensu* (pelo menos, num primeiro momento, antes que o virtual possa vir a ter um papel), será que não faltaria à universidade virtual a rede de relações em presença, na qual o curso se constrói e onde a possibilidade de conhecer se mostra ali onde não se poderia imaginá-la disponível? É fato que, para quem o processo de conhecer já tenha se instaurado enquanto método de diálogo (quer com o que se estuda, quer com outros que isto

estudam), a Rede tem sua função. Assim, no processo de formação, ela poderia aparecer como um importante instrumento, com recursos próprios a explorar, mas dificilmente como veículo exclusivo ou substituto completo da formação convencional.

Desta forma, parece que só na medida em que deixem de funcionar como escudo à percepção do fragmentário, ou como instrumento de controle do estranhamento mobilizado pelo contacto direto com o mundo, é que os recursos da Rede podem vir a enriquecer o dia-a-dia: ampliação de conhecimento, potencialização de prazeres. De fato, como já se considerou, envelopar o fragmentário em ficção totalizante tende a desembocar numa imersão em fragmentos de si; enquanto a fragmentação admitida já é em si mesma uma forma de inteireza. Da mesma maneira, caso se imobilize o estrangeiro, apenas simulando o imprevisível (porque, no limite, é só desligar o computador), o imponderável, próprio ao humano, tenderia a se fazer presente, quem sabe ... enquanto *hacker*²⁰ conturbador, entrando incontrolavelmente sistema adentro.

Uma descrição da Rede traz à baila a imponderabilidade própria ao humano e que, ficando sitiada no nível manifesto, poderia reaparecer, via outras brechas :

“A *network* da ARPA — dimensionada para assegurar o controle de uma sociedade devastada, após um holocausto nuclear — foi sucedida por seu filho mutante, a Internet, a qual está inteiramente fora de controle e espalhando-se espontaneamente pela aldeia eletrônica global pós Guerra-Fria...”²¹ (Diga-se de passagem que não parece ser tão espontaneamente assim que a Rede se propaga...)

A Rede propriamente dita, portanto, não aproximaria nem distanciaria o homem de si e dos outros. Porém, mover-se nela, com chão, só parece possível na medida em que o referente humano, reconhecido

como ancorado no imponderável e como mosaico singular, puder escapar ileso à globalização acachapante e às amarras do previsível-controlado, que fascinam, mas desumanizam. ■

NOTAS

1. Uma rede mundial de computadores que possibilita basicamente: comunicação por correio eletrônico; transferência de informações (de arquivos de bibliotecas, centros de pesquisa, museus etc...); participação em grupos de discussão; serviço multimídia, com acesso a filmes e a programas de realidade virtual.
2. Para fins de análise, faz-se tábula rasa ao chocante descompasso entre os milhões “sem letra” e os “informatizados”, assunto merecendo atenção. De qualquer forma, o computador aparece como elemento a ser por todos metabolizado (mesmo que como ícone).
3. H. Hahn, R. Stout: *Internet Yellow Pages*, S. Francisco, McGraw-Hill, Inc., 1995.
4. Op. cit., p. 106.
5. Op. cit., p. 147.
6. Op. cit., p. 59.
7. “Do Rigor da Ciência - ... Naquele Império, a Arte da Cartografia atingiu uma tal Perfeição, que o Mapa duma só Província ocupava toda uma Cidade, e o Mapa do Império, toda uma Província. Com o tempo, esses Mapas Desmedidos não satisfizeram e os Colégios de Cartógrafos levantaram um Mapa do Império que tinha o Tamanho do Império e coincidia ponto por ponto com ele. Menos Apegados ao Estudo da Cartografia, as Gerações Seguintes entenderam que esse extenso mapa era Inútil...” (J. L. Borges, *História Universal da Infância*, trad. F. J. Cardozo, São Paulo, Globo, 1993, p. 95)
8. Op. cit., p. 29.
9. J. Pesquisas de Valente: citadas por Z. Chiarottino, em aula do curso “Linguagem e Construção do Real”, 1983, IPUSP.
10. Tal como na revelação fotográfica, se “puxarmos” muito o branco, tentando imprimir cada vez mais contraste, temos o efeito contrário: ao invés do aumento de nitidez da imagem, temos uma imagem “arrebentada”, perda da precisão de contornos.
11. “Este texto cita ‘uma certa enciclopédia chinesa’ onde está escrito que ‘os animais se dividem em: a) pertencentes ao imperador, b) embalsamados, c) domesticados, d) leitõesinhos, e) sereias, f) fabulosos, h) inclusos na presente classificação, i) que se agitam como loucos, j) inumeráveis...’” (Foucault, *M. Les mots et les choses*, Paris, Gallimard, 1966, p. 7)
12. Op. cit., p. 150.
13. Op. cit., p. 104.
14. Op. cit., p. 194.
15. Op. cit., p. 117.
16. Op. cit., p. 183.
17. Op. cit., p. 196.
18. Op. cit., p. 189.
19. Op. cit., p. 239.
20. Espécie de pirata, na “navegação” por Rede.
21. Op. cit., p. 120.